



O alarmismo e os custos políticos, económicos, orçamentais, de derrapagem, desta administração podem levar a que haja uma grande mobilização para o campo democrata. Acredito mais nisso do que no processo temporal do “impeachment”.

O Partido Democrata está em condições de fazer essa mobilização? Com quem, Bernie Sanders?

É um político interessante, mas não é um político para o futuro. E o que ficou de lição das primárias foi que os democratas querem sangue novo. É isso precisa de ser trabalhado com tempo. Obama foi preparado durante quatro anos, desde a intervenção de Boston em 2004. Devo dizer que acho Obama muito novo para estar fora da política.

Acredita no seu regresso?

Não excluo. É desejável? Altamente desejável. Mas também não há uma grande tradição histórica desses regressos.

Olhando agora para o Médio Oriente, a expulsão do Daesh de Mossul pode significar que estamos perante o fim da organização?

Não se destrói o Daesh em termos dos seus corpos militares ou das cidades que ocupam. O Daesh é uma marca ideológica fortíssima que motiva gente atrás de um computador em qualquer parte do mundo.

Um combate não territorial pode agravar a ameaça?

Sim, pode motivar a necessidade de eles dizerem presente. De fazerem ver que não estão aniquilados. Para não perderem o apelo, para continuarem numa dinâmica destrutiva do nosso dia-a-dia. Por cada ataque em Nice, há centenas no Médio Oriente, não podemos fazer a comparação directa, mas do ponto de vista mediático vale muito mais um ataque em Nice do que 100 no Iraão.

A par da luta contra o terrorismo, assiste-se, no Médio Oriente, a uma decomposição das alianças, com movimentos da Arábia Saudita, do Irão, da Turquia. A perspectiva é de agravamento ou desanuviamiento na região?

O cenário é mais de agravamento. Como se prova pela agressividade com que a Arábia Saudita se está a comportar no Golfo. Qualquer pequena monarquia que não seja crítica, ou em último grau que seja de alguma proximidade de interesses do Irão.

Fala do Qatar?

Sim. Amigos do Irão, mesmo que sunitas, são inimigos da Arábia Saudita.

Apesar de o sunismo-xiismo ser a grande divisão, não é o único eixo que conta.

Os eixos são muito mutáveis. E os eixos

de divisão e de conflito são múltiplos. Não são só religiosos, nem só energéticos, são de comunidades, são tribais. De circunstâncias que mudam e que é preciso aproveitar. Há equilibradores externos mais ou menos estáveis e os EUA são, neste momento, um desequilibrador. Alguém terá de ocupar essa posição de equilibrador externo. A UE tem feito algumas tentativas, a China deverá ser obrigada a ser mais interveniente politicamente, porque é o grande importador de energia da região. Os EUA são auto-suficientes energeticamente. A China e a Índia são os grandes importadores de energia, e isso é uma grande vulnerabilidade estratégica. Já no caso da Síria, não vale a pena ter a ilusão de que um cessar-fogo acordado entre os EUA e a Rússia resolve. Já houve vários, sempre circunscritos. Embora seja melhor que existam do que não existam, soluções de estabilidade de médio e longo prazo têm de passar por outros intervenientes muito mais importantes.

A Síria tem de ser regionalizada?

Talvez seja bom pensarmos que a Síria não tem solução. Pode é ter uma gestão. A Síria não existe. Há várias Sírias. Pode haver um modelo bósnio para a Síria. Uma federação étnica. Mas é preciso concertar uma solução com a Turquia, a Arábia Saudita e o Irão, o que é muito difícil. **w**

A Casa Branca está ao nível de jardim-escola. Acho Obama muito novo para estar fora da política. [O seu regresso] é altamente desejável.

